

# **MEDIDA PROVISÓRIA**

Dramaturgia de Diogo Liberano

Sete dramas sobre a falta de espaço

Porto Alegre – Rio de Janeiro  
Setembro de 2013 a Janeiro de 2014

Segunda Versão – Novembro de 2016

*Só por meio da mudança de nosso mundo institucional podemos ao mesmo tempo modificar a nós mesmos, do mesmo modo como apenas por meio do desejo de mudar a nós mesmos pode a mudança institucional ocorrer.*

David Harvey

### **Espaço e Tempo da Ação**

A ação ocorre essencialmente na Usina do Gasômetro, localizada na cidade de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, região Sul do Brasil. Antiga usina, transformada em um centro cultural do município, atualmente sedia inúmeros coletivos de criação e investigação artística. Partindo da usina, os personagens desses sete dramas percorrem outros espaços (definidos ou não, da cidade ou da imaginação), passando pela Prefeitura de Porto Alegre e chegando ao destino final: a Secretaria Municipal de Cultura. A ação se passa durante os meses que antecedem a Copa do Mundo de 2014.

## Descrição dos Personagens

A CRIADA – Um misto de homem com mulher, animal e algo de esfinge. A Criada é uma enviada dos céus para fiscalizar a entrada/saída daqueles e daquelas cujo destino é/foi o Inferno. Programada para responder apenas com “sim” ou “não”, a abrupta situação da falta de espaço no Inferno acaba por destruir, progressivamente, o estilo programado d’A Criada, revelando dentro desta figura um ser humano escravizado pelas forças celestes e completamente desejoso de vingança.

ALINE ALICE – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Junto aos seus parceiros de trabalho, é sempre a responsável por conseguir aproveitar o tempo da melhor maneira. Frente à situação da Usina do Gasômetro, junto a sua companhia, Aline transforma a sua urgência em uma ferramenta essencial para abrir tanto mais tempo como mais espaço.

BRUNO GOUVEIA – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Bruno, junto a mais três outros atores, está criando um novo espetáculo, dirigido por uma diretora mais experiente que o convidou para esta investigação. Quando a Usina do Gasômetro passa a correr o risco de encerrar suas atividades, Bruno se junta aos amigos de companhia para criar, não mais o espetáculo, mas sim a realidade.

CARMEM CRISTINA – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Em processo com sua companhia, Carmem decide sofrer uma intervenção cirúrgica visando aumentar a capacidade de sua memória, tendo em vista as inúmeras exigências do trabalho. O saldo da operação, de imediato, altera a sua capacidade criativa e influencia todos ao seu redor, alterando os rumos do espetáculo em criação.

ESTELA ARNALDO – Coordenadora do Projeto Usina das Artes, na Usina do Gasômetro, Estela se encontra num momento limite tanto em sua profissão como em sua vida pessoal. Ao mesmo tempo em que a Usina corre o risco de ser privatizada, cessando o espaço de criação de inúmeros artistas, Estela se sente enclausurada dentro de si mesma. Aos poucos, ela se descobre alguém sem liberdade, mas extremamente desejosa de alguma transformação efetiva em sua vida.

ESTELLE – Estelle é uma jovem mulher simples, apesar do nome. Diz-se que era funcionária dos Correios, o que não se pode confirmar. Estelle acaba de morrer, apesar do belo nome. Chega ao pedágio do céu, está meio nua e meio vestida. Morreu por ter sido estuprada numa esquina qualquer, enquanto fazia a entrega – atrasada – de um sedex. Além de se descobrir morta e recém-estuprada, Estelle descobre-se ainda sem moradia. O Inferno está cheio e será preciso esperar. Ela espera.

GARCIN – Garcin é um jovem escritor medíocre e sem inspiração alguma, acostumado a trabalhar com criações inéditas a partir de inúmeros plágios. Ele acaba de morrer, após uma overdose de sono. Trancado há dias em seu apartamento, ele morre de um ataque fulminante de falta de vida. Porém, por conta da falta de espaço no pedágio do céu, é destinado a vagar entre vida e morte, esperando o momento em que poderá finalmente chegar ao seu lugar de destino: o Inferno.

GIANLUCA ALBUQUERQUE – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Assim como seus amigos de grupo, Gianluca vai descobrindo pouco a pouco que não faz sentido algum interromper o trabalho já começado. Junto a eles, Gianluca buscará convencer a diretora Júlia Braga a recorrer às instâncias de administração pública, para evitar o fechamento do projeto Usina das Artes.

GUILDENSTERN – Amigo íntimo de Rosencrantz, estudou com ele e com o príncipe Hamlet na mesma escola. Recebe o chamado de Cláudio e Gertrudes, reis da Dinamarca, para apaziguar a melancolia de Hamlet frente à recente morte do pai. Após uma longa viagem junto a Rosencrantz, chegam ao palácio, mas por conta do tamanho imenso da propriedade, acabam por não encontrar Hamlet e, por isso, vagam pelos cômodos interminavelmente à procura do príncipe.

HEITOR VILLAÇA – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Heitor está fazendo algum tempo criando um novo espetáculo, junto a mais três outros atores, sendo dirigidos por uma diretora mais experiente que os convidou para uma investigação. Quando a Usina passa a correr o risco de encerrar as atividades, Heitor sente-se impelido a agir sobre os dilemas da vida a potência de sua criatividade.

INEZ – Inez é uma jovem mulher sobre a qual não se sabe muita coisa. Não se sabe o que ela faz da vida, muito menos o que fez durante sua vida inteira. Dela, sabe-se apenas uma coisa: tem dinheiro, mas, acaba de falecer, justamente por excesso de riquezas. Inez chega ao pedágio do céu, está fantasiada em roupa de gala. Acredita que será homenageada, demorando a compreender que na verdade está morta e que, pior, não há espaço para ela em sua nova moradia: o Inferno.

JOÃO ALBUQUERQUE – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Junto a mais três outros atores, João está criando um novo espetáculo dirigido por uma diretora mais experiente. A ameaça de encerramento das atividades do Gasômetro, porém, interrompe o processo de criação. Inconformado, João passa a busca na própria realidade argumentos que justifiquem alguma mudança efetiva do real.

JÚLIA BRAGA DA CUNHA – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Faz pouco mais de um ano, Júlia convidou quatro atores para atuarem num projeto seu, que mais tarde viria a se tornar um espetáculo. Antes da estreia, porém, Júlia vive o drama de ter que abortar aquilo que acabou de ser iniciado. O que ela não esperava é que, talvez, não fosse encontrar aliados para interromper o trabalho já começado.

KONSTANTIN TREPLIOV – Jovem escritor, Konstantin é filho de uma atriz famosa. Ele está em processo de criação de seu primeiro espetáculo, o qual escreve para uma jovem atriz, Nina Zariêtnaia, por quem está apaixonado. O amor que o faz escrever cada uma das palavras de sua peça é transtornado – repetidas vezes – pela aproximação com Nina. Konstantin acredita que tornar o seu texto possível à jovem atriz seria o mesmo que conseguir viabilizar também o seu amor por ela.

MARIA MANUELA – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Em processo de criação de um novo espetáculo com sua companhia, Maria contracena com Carmem, a atriz do grupo que tem mais idade. A proximidade com Carmem gera em Maria inúmeros questionamentos que se estendem não apenas ao seu ofício, mas, sobretudo, às noções de consciência e humanidade.

NINA ZARIÊTCHNAIA – Jovem atriz, Nina é filha de um proprietário rural endinheirado e está em processo de criação de um espetáculo, que vem sendo escrito – e constantemente modificado – por um jovem dramaturgo, Konstantin Trepliov. É por meio das palavras do jovem autor que Nina descobre o que possa ser o amor, visto nunca ter se apaixonado por ninguém. É dessa falta de noção sobre o que possa ser o amor que nasce o drama de Nina.

OFÉLIA – Filha de Polônio e irmã de Laertes, Ofélia vive com seu pai no Palácio de Elsinore, palácio real da Dinamarca. Apaixonada pelo jovem príncipe Hamlet, filho de um pai recém-falecido, Ofélia não consegue se aproximar do homem que ama por conta de seu luto exaltado. Solitária e impedida de vingar o amar, Ofélia busca tentativas para proteger o amor que tem por Hamlet, incluindo nisso, a própria morte, tendo em vista acreditar que só a morte poderá preservar tudo o que sente.

PEREIRA NETO – Secretário do Secretário de Cultura de Porto Alegre. Foi empregado pela Secretaria Municipal de Cultura por conta de favores que o atual Secretário de Cultura devia ao seu avô, senhor Pereira. Sendo assim, não compreende exatamente a situação cultural da cidade nem o seu propósito em relação a tudo isso. O encontro com as demandas dos criadores locais reacende em Pereira um sentimento estranho e persistente que, inesperadamente, passa a guiar seus atos.

RAQUEL – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Raquel é uma jovem diretora de teatro que, apesar de jovem, a cada dia que passa acha o trabalho com teatro mais insuportável e desnecessário. É na criação de um monólogo, no embate com a atriz Suely, amiga e integrante de sua companhia, que ela talvez consiga reencontrar algum motivo que a faça querer continuar.

RICARDO RAFAEL – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Desbocado, quase sempre é responsável por ofender aqueles que estão ao seu redor. Porém, quando descobre os problemas que a Usina do Gasômetro enfrenta junto a Secretaria Municipal de Cultural, sente-se impelido a fazer algo capaz de mudar o rumo dos acontecimentos, mesmo que isso agrida os outros ou não.

ROSENCRANTZ – Amigo íntimo de Guildenstern, que estudou com ele e com o príncipe Hamlet na mesma escola. Recebe o chamado de Cláudio e Gertrudes, reis da Dinamarca, para apaziguar a melancolia de Hamlet frente à recente morte do pai. Após uma longa viagem junto a Guildenstern, chegam ao palácio, mas por conta do tamanho imenso da propriedade, acabam por não encontrar Hamlet e, por isso, vagam pelos cômodos interminavelmente à procura do príncipe.

SUELY – Integrante de uma das companhias de teatro que tem sede na Usina do Gasômetro, dentro do projeto Usina das Artes. Suely é uma atriz muito aplicada, mas que por conta de seu perfeccionismo acaba travancando a realização dos projetos da companhia. Neste momento, está criando, junto à diretora Raquel, também integrante de sua companhia, um monólogo no qual ela também é responsável por compor a dramaturgia.

# Prólogo

*Estela Arnaldo está de pé. Do lado de fora. Vagando sozinha em pensamento.*

ESTELA Talvez você não vá poder se sentar. Talvez você tenha que ficar parada, imóvel como um ponto no espaço. Como se estivesse esperando alguma coisa para dar sentido a sua falta de atitude. Ou não. Nada disso. Talvez você vá precisar se mexer, como um ponto andando de um lado para o outro, de um canto da sala até o seu extremo oposto. Como se estivesse buscando sentido para tudo isso que agora te enche o peito e implora por escoamento. Ou não. Não dá para saber. Não dá para saber nada enquanto eu não estiver frente a frente com esse cara. Está tudo certo. Você chegou até aqui. Se alguém te olhasse agora, de longe, se alguém te olhasse de longe, talvez esse alguém não pudesse compreender como pode um ponto no espaço trazer dentro de si tanto movimento, tanto movimento aprisionado, tanto desejo querendo nascer, tanto mal estar acumulado. Será preciso entender se o momento é propício para ser sincera ou para se fingir de besta. Será preciso argumentar como se fosse sua última oportunidade de salvar a coisa toda. Você não vai desistir. Talvez este momento agora nunca mais volte e o seu mal estar, se não for ouvido agora, poderá desaparecer e fazer de ti, para o resto da vida, alguém seca e sem energia. Você sabe do que você está falando. Talvez seja preciso traduzir, talvez seja preciso dizer de outra forma, encontrar mais aliados, talvez... Mas você sabe do que se trata tudo isso. Olhe. Olhe para ela agora. É como se fosse você, mas num tamanho muitíssimo aumentado. É como se fosse você tomando a forma imponente de todos os sonhos que você carrega dentro de si, querendo acontecer. Você, um projeto que ainda não foi contemplado. Anda. Não é só você quem precisa de você mesma. É também a tua cidade.

*Estela bate à porta. Ninguém a responde. Bate novamente. Silêncio. Ela gira a maçaneta, entra e encontra, no meio da sala, outro ponto no espaço: Pereira Neto. Sentado à mesa, sobre a qual descansam um papel branco, uma caneta vermelha e um telefone.*

PEREIRA Bom dia.

ESTELA Boa noite, senhor.

PEREIRA Já é noite?



ESTELA Outra vez.

PEREIRA A gente fica aqui dentro o dia inteiro e nem vê o tempo passar.

ESTELA Pois é.

PEREIRA Então já é noite?

ESTELA Quase noite.

PEREIRA Hora de encerrar.

ESTELA Por favor, eu gostaria de ser atendida.

PEREIRA Você agendou alguma coisa?

ESTELA Tentei. Mas isso de telefonema, de e-mail, de enviar mensagem ou deixar recado... Isso às vezes não funciona como deveria\

PEREIRA Peço desculpa, mas estamos muito atarefados.

ESTELA Todos nós estamos.

PEREIRA A senhora poderia retornar amanhã?

ESTELA Não precisa me chamar de senhora, senhor.

PEREIRA Você poderia retornar amanhã?

ESTELA Eu preciso ser ouvida hoje.

PEREIRA Estamos encerrando. É algo que eu possa resolver?

ESTELA Creio que não.

PEREIRA Sendo assim volte amanhã. Ou depois. Lembrando que não funcionamos nos fins de semana nem nos feriados.

ESTELA Eu preciso ser ouvida hoje.

PEREIRA Não há ninguém para atendê-la. E já é tarde.

ESTELA Mas eu cheguei antes do expediente acabar.

PEREIRA Senhora, o expediente acaba quando não há mais o que fazer.

ESTELA Mas os senhores não estavam muitíssimo atarefados?

PEREIRA Não me chame de senhor.

ESTELA                   Então não me chame de senhora.

PEREIRA                 Você deseja o quê, afinal? Sugestão, reclamação, elogio?

ESTELA                   Nenhuma dessas opções.

PEREIRA                 Sendo assim, volte semana que vem. Eu sou novo aqui. Eu não saberia te orientar no caso de ser outra coisa que não sugestão, reclamação e/ou elogio.

ESTELA                   Eu preciso ser atendida hoje. Eu preciso sentar frente a frente com o secretário municipal de cultura desta cidade.

*Silêncio brusco. Pereira olha rapidamente para todos os lados. É como se Estela tivesse dito algo que não devesse ser pronunciado.*

PEREIRA                 Creio então que a senhora deva mesmo voltar noutro dia.

ESTELA                   Eu não sairei daqui enquanto não for atendida.

PEREIRA                 Creio que o senhor seu secretário não esteja em sua sala.

ESTELA                   O senhor poderia confirmar? Poderia me dar certeza de que ele realmente não está aqui? Não é a primeira vez que eu venho. O senhor, por ser novo aqui talvez não saiba, mas eu sou conhecida pela figura do seu senhor secretário de cultura. Por favor, ligue para ele e informe que Estela Arnaldo, diretora do Projeto Usina das Artes, está aqui aguardando ser atendida. Ainda hoje.

*Pereira se cala. E, de olho na mulher que lhe dá ordens, retira o telefone do gancho e se põe a discar. Silêncio. Ele retira o fone da orelha e desliga o telefone.*

PEREIRA                 O senhor seu secretário de cultura realmente não está.

ESTELA                   Ele não está?

PEREIRA                 Chama, chama e ninguém atende.

ESTELA                   Pois então\ Qual é o seu nome rapaz?

PEREIRA                 Neto. Quer dizer, Pereira Neto. Eu sou neto do seu Pereira. Antigo funcionário desta mesma secretaria\

ESTELA                   As coisas aqui estão entre família, não é? Faça-me um favor.

PEREIRA                 Diga, senhora.

ESTELA                   Anote neste seu papel em branco que eu estive aqui, mas que eu volto. Eu volto. Informe ao senhor seu secretário de cultura que nenhuma medida que ele estiver para tomar – referente ao destino da Usina do Gasômetro – pode ser feita sem diálogo prévio com a população desta cidade.

PEREIRA                  A senhora é da Usina? A que fica nas margens do Rio Guaíba?

ESTELA                   Não é um rio, meu caro. É um lago.

PEREIRA                  É uma linda usina.

ESTELA                   Você não faz ideia.

PEREIRA                  Eu anotei o seu recado.

ESTELA                   Não é exatamente um recado, o senhor sabe, não é?

PEREIRA                  A senhora deseja mais alguma coisa?

ESTELA                   Não. Passar bem.

*Ela se retira em direção à porta de entrada e, de súbito, estaca.*

PEREIRA                  Eu já anotei as suas palavras, senhora Estela\

ESTELA                   Uma pergunta. Eu queria apenas te fazer uma pergunta: o senhor sabe para que serve uma usina?

PEREIRA                  Não exatamente, mas... Sempre há a possibilidade de se aprender, não é mesmo?

*Estela concorda, silenciosa. Em seguida, ela se retira. Pereira ergue o papel tentando compreender o que escreveu, mas não consegue. Respira curto e apavorado. No fundo, ele sabe: ela voltará.*

## Cena Um

*Nina sozinha no centro do espaço. De longe, Konstantin – segurando um caderno e um lápis preto – a observa com aflição. Nina se esforça para recitar os primeiros versos.*

NINA

Eu sei, eu sei  
Já me disse quase por inteiro  
Eu disse o óbvio  
Tudo o que raspa a pele minha  
E me entrega.  
Eu sei, eu sei  
Não há novidade  
Nisso de se perder  
Para se encontrar  
Em ti, apenas.  
Então agora,  
Se você me pede  
Que eu diga algo  
Que eu nunca ousei te dizer  
Assusta-me  
Entregar-me ainda mais  
E afirmar  
Os medos imensos  
E sem nome  
Das coisas todas que me doem  
E me consomem  
Apenas por conta de te conhecer.  
Então eu salto linhas  
Postergo o limite  
O limite no qual será preciso reconhecer:  
Que tudo isso me é inédito  
Cheirando à força imensa  
Que deseja me tomar  
Força imensa que me faz ceder  
E que me faz também respirar.  
Você inaugurou em mim  
Aquilo que eu tinha sem nem saber  
Você acordou o sonho que faz anos eu sonho  
Mesmo sem imagem para descrever.  
As palavras hoje não me ajudam  
Veja! A lua está de mal comigo

E tudo isto, apenas, porque aquilo que sinto  
Não cabe  
Nem aqui  
Nem lá  
Nem ontem  
Quiçá no amanhã.  
Então agora, se tu me olhas  
E se tu queres ainda algo de mim saber  
Não me exija com tanta fome  
Pois eu fiquei pobre  
Eu hoje não tenho nada  
Exceto isso que me pulsa (a ti)  
E que me faz estar aqui  
De pé  
Tremendo em meio ao mundo  
E frente a você.  
O que eu tenho e que tu ainda não sabes  
É um coração em forma de ave  
Embrulhado no calor das asas  
É isso aqui  
Vês?  
Um desejo alado  
Que teme o frio e a escuridão da noite  
O que tenho a ti  
É façanha impossível  
Lago retinto posto falsamente calmo.  
O que eu tenho e que tu ainda não sabes  
Já não me é escolha  
Já nem me é direito.  
Pois você me roubou de mim  
E agora, resto eu, assim, entre vírgulas e sem jeito  
Dizendo em muitas palavras  
O tamanho do que sinto  
Apesar de assustada  
Por perceber  
Que em apenas quatro letras, meu amigo  
Cabe o nosso sonho inteiro.  
Em apenas quatro letras,  
Cabe eu e você.

*Konstantin lança abruptamente o caderno ao chão e se aproxima de Nina, enfurecido.*

KONSTANTIN Não era “meu amigo”, você decorou errado.

NINA Desculpe, eu tive pouco tempo para decorar tudo.

KONSTANTIN Assim não vai dar certo, Nina. Você precisa se esforçar.

NINA Eu estou me esforçando, Konstantin. Será que você não vê?

KONSTANTIN Precisa ser mais. Muito mais.

NINA Eu estou cansada por hoje.

KONSTANTIN Não era “amigo”, você decorou errado. Deixe-me ver.

NINA Deixe-me ver o quê?

KONSTANTIN O seu texto. Onde ele está? Deixe-me ver.

NINA Eu não o trouxe.

KONSTANTIN Uma atriz sem texto! Você entende que precisa se esforçar?

NINA O texto está na sua cabeça. Foi você quem o escreveu.

KONSTANTIN Para você. Eu escrevi cada uma destas palavras para você.

*Os dois permanecem em silêncio, enquanto se olham.*

NINA Eu não entendo quando você diz que o meu coração tem forma de ave e está embrulhado no calor das asas.

KONSTANTIN Não é o seu coração, Nina. É o da sua personagem.

NINA Eu sei. Mesmo assim, eu não entendo o que você quer dizer.

KONSTANTIN Você está apaixonada, é isso\

NINA Quem está apaixonada é minha personagem\

KONSTANTIN Não importa! Quem está apaixonado sempre diz essas coisas, sempre diz aquilo que não sabe muito bem o que significa, nem muito bem como dizer\

NINA Tal como você?

*Konstantin emudece. Nina mira seus olhos, longa e profundamente. Após um tempo, ele se afasta dela e vai em direção ao seu caderno. Retira-o do chão, abre numa página e, distante de Nina, indica.*

KONSTANTIN           Deveria ser algo assim, Nina. Isso que você precisa aprender a me dizer. A nos dizer. Porque ainda estamos ensaiando, mas em uma semana, não serei eu diante de ti. Será todo um público severo e crítico com você! Deveria ser assim, Nina:

*Ele, visivelmente trêmulo, se põe a declamar os próprios versos.*

KONSTANTIN           O que eu tenho e que tu ainda não sabes  
É um coração em forma de ave  
Embrulhado no calor das asas  
Vês?  
Um desejo alado!  
Pois você me roubou de mim  
E agora, resto eu, assim, sem jeito  
Dizendo em muitas palavras  
O tamanho do que sinto  
Apesar de assustado  
– perdão, assustada –  
Apesar de assustada  
Por perceber  
Que em apenas quatro letras, meu amor  
Cabe o nosso sonho inteiro.  
Em apenas quatro letras,  
Cabe eu e você.

*Ele abaixa o caderno e, lacrimejante, mira Nina.*

KONSTANTIN           Vês, Nina? Não é “meu amigo”, como você disse. É “meu amor” o jeito certo. É meu amor o que eu escrevi para você.

*Nina se retira apressada deixando Konstantin a sós, solto no centro do espaço.*

## Cena Dois

*Suely está no centro da sala. Ela mira a porta com atenção. Ela observa o seu relógio de pulso. Ele volta sua atenção à porta. Depois ao relógio novamente. De súbito, irrompe:*

SUELY                      Sessenta e oito minutos! 68 minutos atrasada! E você sequer foi capaz de me enviar uma única mensagem que fosse! Uma hora e oito minutos! E depois eu sou obrigada a ouvir que é o meu perfeccionismo que atrapalha a nossa criação! Como é possível?! Você é quem me faz ser perfeccionista quando me deixa sozinha nessa sala de ensaio, trabalhando um monólogo sozinha, por 1 hora e 8, 9, quer dizer, já quase 11 minutos! Onde você estava?

*Suely se interrompe. Ela talvez pense que não deva ser tão grosseira assim. Ela ri de si mesma e pega o celular. Nenhum sinal da amiga. Ela se joga ao chão, pega novamente o texto da peça e se põe – mais uma vez – a estudar suas falas.*

*A porta se abre. Raquel surge vestida numa calça molhada e apenas de sutiã. A camiseta, fora do corpo, está pressionada contra a própria cabeça. Suely mira o relógio.*

RAQUEL                      Desculpa\

SUELY                        Por que você está pelada?

RAQUEL                      Esses filhos da puta!

SUELY                        Você foi assaltada?!

RAQUEL                      Melhor assalto do que isso\

SUELY                        Isso o quê?!

RAQUEL                      Vê para mim se ainda está sangrando.

SUELY                        Você tem que ir a um hospital!

RAQUEL                      Só me diz se ainda escorre sangue ou se já parou.

*Raquel para de pressionar a camisa contra a cabeça. Suely manifesta um pequeno susto. As duas se olham. Suely faz com que Raquel volte a pressionar a camisa contra a cabeça.*

RAQUEL                      Eu tava vindo para o ensaio, passei no Centro, em frente à Universidade Federal, e estava rolando uma gritaria sem fim. Tinha polícia na rua, pareciam militares, tudo com cara de soldado do exército, enfim, de repente, os caras começaram a agredir os estudantes sem nenhum motivo! Sem nenhum motivo aparente\



SUELY Por que você não correu?

RAQUEL Eu corri, muito! Mas eles eram muitos também! E tinha muita gente, de todos os tipos, uma multidão mesmo, aí já viu, né? Você acaba fazendo parte da luta sem nem escolher por isso...

*Suely se afasta um pouco da amiga e confere as horas e minutos no relógio.*

SUELY Setenta e quatro minutos! 74 minutos atrasada! E você sequer foi capaz de me enviar uma única mensagem que fosse! Uma hora e quatorze minutos! E depois eu sou obrigada a ouvir que é o meu perfeccionismo que atrapalha a nossa criação! Como é possível?! Você é quem me faz ser perfeccionista quando me deixa sozinha nessa sala de ensaio, trabalhando um monólogo sozinha, por 1 hora e 14, 15, quer dizer, já quase 16 minutos! Onde você estava?

*Raquel não sabe o que responder. Tira a camisa da cabeça.*

RAQUEL Eu acabei de te responder! Me desculpe!

SUELY O que você achou?

RAQUEL Foi um contratempo! Estava tendo uma manifestação, eu fui pega de surpresa, não consegui sair e, com sinceridade, eu também não sairia. Tinham alunos sendo espancados\

SUELY Eu não estou falando disso. Eu estou falando da minha cena!

RAQUEL Que cena?!

SUELY Esta que eu acabei de falar para você. Esse discurso, esse esporro, essa ladainha, essa manifestação!

*Raquel se aproxima da amiga, confusa e desapontada.*

RAQUEL É isso o que você ficou ensaiando o fim de semana inteiro?!

SUELY Pareceu verdade?

RAQUEL Pareceu. E me parece que é esse o problema.

SUELY Você não gostou?!

RAQUEL Amiga... É legal uma atriz descobrir que pode fingir uma série de coisas. Só que eu acho que esse nosso projeto, que ainda está

começando, eu acho que ele está querendo oferecer para a gente outra coisa, outro tipo de investigação...

- SUELY                    Eu não aguento mais produzir material e você não usar nada!
- RAQUEL                 Então pare de produzir! Pare de inventar e escute o que está acontecendo! Você escuta o que eu digo, faz que sim com a cabeça e depois volta a pensar o que já sabia! Isso é preguiça!
- SUELY                    Não me chame de preguiçosa! Todo dia eu chego cedo nessa sala de ensaio, eu limpo esse chão sempre imundo enquanto a senhora diretora fica do lado de fora fumando um cigarro\
- RAQUEL                 Você tinha que ter passado por isso que acabou de acontecer comigo! Você não faz ideia de como a vida, às vezes, nos faz dizer coisas e tomar atitudes sem que seja preciso ensaiar para que isso tudo aconteça! Isso sim é se colocar! E é isso que eu queria que você percebesse! O nosso trabalho não precisa fingir mais nada porque o mundo já se tornou a maior mentira de todas! Só o que nos resta é gritar contra essa mentirada toda!
- SUELY                    Eu estou gritando um milhão de coisas! A cada ensaio eu trago uma nova proposta de discurso, de depoimento, de opinião\
- RAQUEL                 Eu sei, mas você não diz nada com isso porque a sua atenção está totalmente focada em querer parecer sincera! E quanto mais você tenta ser sincera, menos viva você se manifesta...
- SUELY                    “Peça Manifestação”?! Vi o e-mail com a sugestão desse título...
- RAQUEL                 Uma peça com discursos que estão tomando as ruas, a cidade e as redes sociais, discursos sempre muito diferentes e, por isso, também muito contraditórios. Uma peça que desse espaço para essa diversidade toda, seria uma peça manifestação, não seria?
- SUELY                    Você quer que eu me meta numa manifestação dessas?! Apenas para criarmos uma boa dramaturgia?
- RAQUEL                 Talvez o que eu quisesse mesmo era que você se metesse nessa dramaturgia para criar uma boa manifestação. Para mim já deu hoje. Vou ao hospital fazer um curativo nisso aqui. Vou pegar seu casaco emprestado. Trago amanhã.

*Raquel sai levando o casaco da amiga e lança ao chão a sua camisa ensanguentada.*

## Cena Três

*Uma porta se abre na ala oeste do Palácio de Elsinore. É noite fria. Ofélia surge trôpega, numa camisola quase invisível. Traz nas mãos um candelabro com sete velas acesas.*

OFÉLIA                    Eu fui nadar para tentar espreitar. Dei um mergulho no rio que contorna este palácio. Fui com esta mesma camisola, que tenho usado já faz uma semana. Após o mergulho, deitei-me na relva e me deixei secar pelo frágil sol desta Dinamarca envilecida. E eis que descobro que meu grande amor – que ainda é só meu – ainda ultrajado pela morte recente de seu pai, nosso antigo rei, cometera um assassinato. Mas não uma morte qualquer. Hamlet – meu amor e que só eu mesma sei – estocou em meu pai, Polônio, uma espada envenenada. E aqui estou eu, agora, carregando este candelabro, foragida dentro de minha própria casa, por me sentir indigna e incapaz de sentir luto pelo meu próprio pai. Como é possível sentir luto se todos os meus espaços sentem apenas – e unicamente – amor, por este que assassinou minha liberdade? Amo, tanto, que me sinto adolescente, apesar de já tão gasta. É noite e faz frio, mas dentro de mim e sobre a minha pele – apesar dessa camisola – calor é imenso\

*Pela porta, subitamente, entram Guildenstern e Rosencrantz, ambos sem castiçal.*

ROSENCRANTZ        Alto lá! Quem se esconde na penumbra das velas?

GUILDENSTERN      És tu, príncipe Hamlet?

OFÉLIA                Quem dera eu o fosse.

ROSENCRANTZ        Alto lá! Quem fala?

OFÉLIA                É Ofélia, eu, a desgraçada.

GUILDENSTERN      Dona Ofélia?

OFÉLIA                Eu mesma.

ROSENCRANTZ        Você não estava louca?

OFÉLIA                Ainda estou. Mais e mais, a cada minuto.

GUILDENSTERN      Quer uma roupa decente?

OFÉLIA                Não, não largo a minha camisola por nada. Sinto calor.

ROSENCRANTZ Mas está frio, Dona Ofélia.

OFÉLIA Não em meu corpo, caro Guildenstern. Não aqui...

ROSENCRANTZ Perdão, Dona Ofélia, mas eu sou Rosencrantz.

OFÉLIA Dá no mesmo, não? Um é Rosencrantz e o outro é Guildenstern.

GUILDENSTERN No caso, eu sou o Guildenstern.

OFÉLIA Dá no mesmo. Vocês dois são bajuladores do novo rei e vieram importunar meu amor.

ROSENCRANTZ Perdão, dona. Que amor? Não estamos sabendo dessa parte.

OFÉLIA Eu sei. Essa dor é minha, não é de mais ninguém.

GUILDENSTERN Notícia boa, dona Ofélia. Estás amando?

OFÉLIA Mais do que deveria.

GUILDENSTERN E é rapaz prendado?

OFÉLIA Não, é uma menina.

*Os lacaios emudecem. Ofélia ri, desinteressada.*

OFÉLIA Brincadeira, meninos. Não estou apaixonada por uma mulher. Antes fosse. Seria mais fácil. Porém, aquele que amo, é tão somente príncipe Hamlet, nosso amigo de infância e colegial.

ROSENCRANTZ Ufa! Que alegria ouvir esta notícia! Então a senhora\

OFÉLIA Não me chame de senhora, por favor.

ROSENCRANTZ Então a dona Ofélia saberá nos dizer onde está seu amado?

OFÉLIA Ele acabou de assassinar o meu pai. Eu não sei. Ele deve estar se escondendo pelos quartos deste imenso palácio. Eu, inclusive, não faço ideia de como vocês conseguiram me encontrar aqui.

GUILDENSTERN Nós estamos procurando vosso esposo por este palácio faz dias\

OFÉLIA Eu e Hamlet não somos casados.

ROSENCRANTZ Mas já se pegaram?

OFÉLIA Eu já o peguei. Mas apenas em meus febris devaneios.

ROSENCRANTZ Entendi, dona Ofélia...

OFÉLIA Oh, eu me sinto como um rio  
Secando sem peixe para beber  
Do meu alento.

GUILDENSTERN Ah, não, dona Ofélia! Por favor, sem versos nem poesia\

ROSENCRANTZ Todo mundo nesse palácio só fala em versos, com rimas estranhas e palavras pouco conhecidas! Assim fica difícil, é óbvio que isso tudo vai dar em tragédia, afinal, ninguém se entende!

OFÉLIA Oh, que calor! Como é bom encontrar vocês, rapazes, assim, tão crescidos! Não os via desde quando eram imberbes e colavam de mim nas provas de filologia. Como é bom ver vocês nesta noite tão fria e sem sentido.

GUILDENSTERN Sim, sim, sim... A dona vai precisar de alguma coisa ou nós podemos retomar a nossa busca pelo príncipe assassino?

OFÉLIA Não, não, não... Eu preciso de vocês sim. Sempre precisei, vocês é que nunca souberam. Faça-me um favor, Rosencrantz\

GUILDENSTERN Eu sou o Guildenstern.

OFÉLIA Que seja. Eu quero os dois.

ROSENCRANTZ Como é, dona?

OFÉLIA Vocês poderiam me ajudar a apagar as sete velas do meu candelabro?

*Olham-se, os homens, ressabiados. Eles apagam as velas, uma a uma. Ouve-se apenas, no escuro, Ofélia suspirando alto.*

## Cena Quatro

*Estão os três de pé, no meio de uma grande sala. Maria visivelmente estafada.*

- ALINE Mas vocês vão apresentar a cena hoje, não vão?
- MARIA Eu não sei, gente. Eu não sei qual é o estado dela.
- RICARDO Foi algo grave?
- MARIA Não sei, já disse! A gente ensaiou, fez a cena, ela ainda estava com dificuldade em decorar várias partes do texto, e se esquecia de alguns movimentos, mas ficou legal. A gente só precisa ensaiar um pouco mais, só que eu não sei o que vai ser agora.
- ALINE Ela te ligou?
- MARIA Ela me ligou, mas antes de ir para o hospital. Disse que não era nada demais, que ia estar aqui hoje, talvez um pouco atrasada, mas disse que viria. Disse que era uma cirurgia rápida.
- RICARDO Nada demais?! Só uma cirurgia?!
- MARIA A gente espera ela chegar e entende o que fazer.
- ALINE Será o caso de substituir ela por alguém?
- MARIA Por quê?
- ALINE Eu não sei, a gente dá um jeito, chama alguém, sempre tem uma atriz de molho, querendo participar de algum projeto novo.
- MARIA Não, espera! Eu te perguntei por quê? Por que substituir ela?
- ALINE Convenhamos, né? Ela já tem idade.
- MARIA Que absurdo! O que uma coisa tem a ver com a outra?
- ALINE É verdade, ué. Ela nem está conseguindo decorar o texto.
- RICARDO Será que ela está com depressão?
- MARIA Ninguém opera depressão. Gente, por favor!
- ALINE Eu realmente estou preocupada. Em uma semana vamos estrear essa peça e a atriz principal resolveu fazer uma operação rápida e só nos manda um recado dizendo que vai chegar atrasada.

MARIA Vocês podiam fazer as cenas de vocês enquanto ela não chega.

ALINE Nossas cenas estão prontas. Eu vou esperar ela do lado de fora.

RICARDO Eu vou com você, aproveito para fumar um cigarro.

*Aline e Ricardo saem. Maria fica sozinha na sala de ensaio, desorientada.*

MARIA E eu vou ficar passando o meu texto! Quer dizer, eu vou tentar decorar o meu texto. Não bastasse perder minha parceira de cena, ainda preciso aprender como faz para decorar texto, movimento, intenção, respiração e tudo o mais! Não tá fácil!

*Maria se dirige a um canto da sala. Carmem entra lenta e com olhos vivos.*

CARMEM Cheguei.

*Maria se assusta e, em seguida, se aproxima de Carmem.*

MARIA Ai, Carmem, que susto! Desculpa! Mas que susto! Que bom que você chegou. Como você está? Os meninos foram lá fora esperar por você. Por onde você entrou?

CARMEM Pela porta dos fundos. Entrando pelos fundos se gasta menos tempo até chegar ao centro desta sala.

MARIA Claro, claro. Faz todo o sentido\ Você está bem? Você estava no hospital antes de vir para cá?

CARMEM Estou me sentindo incrível, como não me sentia desde... *(Ela pensa um pouco)* Desde a primavera de 1972.

MARIA Nossa, quantos anos você tinha nessa época?

CARMEM Precisamente quinze anos.

MARIA Eu tenho vinte e poucos e não lembro sequer o que comi ontem.

CARMEM Na primavera de 1972, a província de Okinawa, ao sul do Japão, foi devolvida ao governo japonês pelos Estados Unidos. Depois da Segunda Guerra Mundial e da Batalha de Okinawa em 1945, a província foi sitiada pelo governo americano, que ocupou o espaço com bases militares. Só 27 anos depois, na primavera de 1972, o Japão teve de volta o espaço integral de sua província.

MARIA Eu devo ter estudado isso na escola, mas claro que não lembro.

CARMEM Até ontem, eu também não lembrava.

MARIA O que aconteceu contigo?

*Aline e Ricardo retornam, irritados.*

RICARDO A velha não chegou\

*Ele percebe a presença de Carmem e se cala. Carmem se vira, lentamente, a ele.*

CARMEM Ou foi você que não viu a velha entrar?

RICARDO Perdão, Carmem.

CARMEM Você está me pedindo desculpas porque foi ensinado a se desculpar quando fala algo errado ou porque realmente acredita que isto que você acabou de falar é algo assim, no mínimo, desrespeitoso e desagradável?

ALINE É que a gente está te esperando já faz muito tempo.

RICARDO Eu, sinceramente, peço desculpas, Carmem.

CARMEM Tudo bem, meu jovem. Um dia você vai se lembrar deste momento e isto vai fazer com que outros momentos – parecidos com este – jamais aconteçam.

RICARDO Assim eu espero.

CARMEM Podemos fazer a cena que criamos para que vocês vejam?

ALINE Espera. Mas você não estava no hospital? Você não acabou de fazer uma operação?

CARMEM Foi coisa rápida.

ALINE E está tudo bem? Operou o quê?

CARMEM Foi uma pequeníssima inserção no cérebro\

RICARDO Você quis dizer incisão.

CARMEM Não, eu quis dizer inserção mesmo.

RICARDO Inserção?!

MARIA Você colocou alguma coisa no cérebro, Carmem?



CARMEM Ué, da mesma forma como vocês penduram um monte de coisas num computador, imaginem que eu sou o computador. E que aquilo que eles inseriram no meu cérebro, é um pendrive com muito espaço, apesar de ser quase imperceptível a olho humano.

*Silêncio brusco entre os três jovens. Carmem caminha pelo espaço até que estaca.*

CARMEM Vocês precisam de algum tempo para passar o texto de vocês ou nós já podemos começar o ensaio?

## Cena Cinco

*Tudo em branco. Surge um homem num pijama e uma mulher vestida em roupa de gala.*

- GARCIN                    Ih, olha só quem está aqui!
- INEZ                        Não acredito!
- GARCIN                    Com roupa de gala e tudo!
- INEZ                        Que nada, menino! Roupinha qualquer. E tu?
- GARCIN                    Pijama básico!
- INEZ                        Não importa! Que bom você por aqui!
- GARCIN                    Não é?
- INEZ                        Completamente.
- GARCIN                    Inesperado para mim encontrar você aqui.
- INEZ                        Eu vim para ficar, hein? Já aviso logo!
- GARCIN                    Daqui não saio!
- INEZ                        Eu ainda diria mais: não saio porque mereço!
- GARCIN                    Tem que saber reconhecer quando a gente merece, não é?
- INEZ                        Falou e disse!
- GARCIN                    Passamos a vida inteira pedindo desculpa por estar vivos!
- INEZ                        Ah, não! Chega! Sem autopiedade porque isso a novela já tem de sobra!
- GARCIN                    E o que aconteceu contigo?
- INEZ                        Não sei. Dizem que vai passar um filme explicativo – acho que é um curta-metragem – com os nossos melhores momentos.
- GARCIN                    Por isto tu veio arrumada desse jeito?
- INEZ                        Tem que estar preparada, não é?
- GARCIN                    Você não perde tempo!
- INEZ                        Nem você, apesar do pijama.

*Riem os dois, um pouco perdidos no espaço vazio e empalidecido. Chegam ao silêncio. Pela primeira vez não se sentem incomodados. Surge uma terceira pessoa, seminua.*

ESTELLE            Ai, vocês estão vestidos!

GARCIN            Boa noite, moça.

ESTELLE            Já é noite?

GARCIN            Não faço ideia.

ESTELLE            Nem eu.

GARCIN            Tudo bem.

ESTELLE            Eu estou quase nua.

GARCIN            Mas está sentindo frio?

ESTELLE            Não sinto nada, acredita?

GARCIN            Perfeitamente.

INEZ                Prazer, moça.

ESTELLE            Perdão, nem me apresentei a vocês. Eu sou Estelle, com dois "l".

GARCIN            Que graça de nome. Eu sou Garcin, do francês.

INEZ                Inez.

ESTELLE            Com "z"?

INEZ                Com "z".

ESTELLE            Inez com "z"?

INEZ                Isso, Inez com "z".

ESTELLE            Inez.

INEZ                Estelle.

GARCIN            Garcin. Eu sou Garcin. Com "g".

*Riem bastante. E, em seguida, o silêncio se escorre sobre e ao redor deles. Olham, os três, para cima, para baixo e para todos os lados. Parece não haver mais nada.*

ESTELLE            Ninguém vai falar nada?

INEZ Eu não estou com vontade.

GARCIN Nem eu.

ESTELLE Eu também não.

*O silêncio – branco – os envolve e abraça por inteiro.*

ESTELLE Não sinto frio nem calor.

INEZ Onde estamos afinal?

ESTELLE Eu pensei que fôssemos ver um filme.

INEZ O curta-metragem?

ESTELLE Cada um tem o seu, não tem?

INEZ Dizem que sim, dizem que sim.

ESTELLE Eu nunca tinha feito um curta-metragem, acreditam?

INEZ E eu? Que nem sou atriz!

ESTELLE Eu também não sou, menina.

INEZ Mentira?! Você leva jeito, sabia?

ESTELLE Levo nada.

INEZ Leva sim.

ESTELLE Levo nada.

INEZ Leva sim.

ESTELLE São seus olhos.

INEZ São os seus.

ESTELLE Os seus.

INEZ Os seus.

ESTELLE Obrigada.

INEZ Obrigada.

*Garcin, que havia se afastado, está agora noutra ponta do espaço vazio. De frente a uma espécie de ser humano completamente enclausurado dentro de um disforme uniforme.*

GARCIN                   Boa noite.

*A Criada não responde, permanecendo estática frente a uma porta sem maçaneta.*

GARCIN                   Boa tarde.

*A Criada não responde.*

GARCIN                   Dia?

*Silêncio total.*

GARCIN                   A exibição de curtas-metragens já começou?

A CRIADA                Não.

GARCIN                   É preciso comprar bilhete de entrada?

A CRIADA                Não.

GARCIN                   Sabe me dizer que horas começa o filme?

A CRIADA                Não.

GARCIN                   Você responde alguma coisa que não apenas “não”?

A CRIADA                Sim.

GARCIN                   O meu nome é Garcin?

A CRIADA                Sim.

GARCIN                   Minha mãe está por perto?

A CRIADA                Sim.

GARCIN                   Meu cachorro?

A CRIADA                Não.

GARCIN                   Aquela moça que eu atropelai certa vez. Ela está?

A CRIADA                Sim.

GARCIN                   Adolf Hitler está?

A CRIADA                Sim.

GARCIN                   E Giuseppe Garibaldi?

A CRIADA                Sim.

GARCIN Michael Jackson está?

A CRIADA Sim.

*Garcin acena às duas mulheres.*

GARCIN Venham aqui! Temos um público seletto para assistir a mostra de curtas-metragens!

INEZ Seletto como?

GARCIN Só gente fina. O Garibaldi está presente!

INEZ Garibaldi Garibaldi?

GARCIN Garibaldi Garibaldi.

INEZ Meu pai do céu!

ESTELLE Garibaldi está morto, não está?

*Silêncio integral.*

GARCIN Com licença, uma dúvida: Giuseppe Garibaldi está presente?

A CRIADA Sim.

GARCIN Outra pergunta: Giuseppe Garibaldi está morto?

A CRIADA Sim, ele está morto. Assim como vocês estão. Bem-vindo, senhor Garcin. Bem-vindas, senhoras Estelle e Inez. Vocês morreram e estão na lista de espera para acessar o Inferno. Pedimos desculpas pelo inconveniente, mas não há espaço disponível para a entrada de sequer mais uma pessoa. Sendo assim, estamos esperando os próximos centenários se completarem para que alguns seres humanos possam voltar para o planeta Terra e para que vocês, finalmente, possam tomar vosso lugar no Inferno. Queiram aguardar, por favor.

*A Criada se retira. Restam os três, desolados.*

## Cena Seis

*Uma mesa ao redor da qual estão todos sentados. Júlia, de pé, toma uma xícara de café amargo. Os atores a observam. Ela não sabe bem como começar.*

JÚLIA                      Eu estou muito cansada.

*Eles não sabem o que dizer, nem se é necessário dizer alguma coisa.*

JÚLIA                      É engraçado. Nem sei se é a melhor palavra. É estranho. Porque eu nunca me senti tão plena em relação ao nosso trabalho.

HEITOR                    Foi a melhor coisa que aconteceu comigo nos últimos anos.

JÚLIA                      Que bom, Heitor. Trabalhar com o que gostamos é muito bom.

BRUNO                    Mas não é só isso, né? A gente está junto faz um tempo. Só que agora é diferente. Parece que encontramos um propósito claro\

JÚLIA                      Propósito!

BRUNO                    É. Um propósito. Acho que é essa a palavra.

JOÃO                      Ontem, depois daquele ensaio, nós quatro ficamos conversando até tarde, né, pessoal? Daí nós percebemos como tudo aquilo que a gente já sabia, tanto sobre a gente como sobre a nossa pesquisa, bem, tudo isso mudou completamente só por termos começado este projeto com você\

HEITOR                    Nós temos a sensação de nunca se sentir capaz e preparado\

GIANLUCA                Só que isso não é uma sensação ruim, sabe? Ontem, por exemplo, foi importante perceber que por não saber como fazer aquela cena, só por causa disso, eu acabei aprendendo. Talvez se eu já soubesse tudo, eu não teria me esforçado tanto a aprender. Entende, Júlia?

BRUNO                    Parece que o percurso, às vezes, importa mais que a chegada.

JÚLIA                      Era justamente sobre isso que eu queria falar com vocês hoje\

HEITOR                    Você não colocou açúcar no seu café\

BRUNO                    E nem tem música tocando para começar o ensaio\

JÚLIA                      É porque hoje não teremos ensaio.

*Os atores se entreolham. Júlia bebe o resto frio do café amargo. Ela põe a xícara na mesa.*

JÚLIA Não teremos ensaio hoje e talvez nem amanhã.

JOÃO Mas a senhora sabe que estamos com o prazo apertado.

JÚLIA Eu sei, João. Não precisa me chamar de senhora.

JOÃO O que está acontecendo?

HEITOR Não vamos mais fazer a peça?

BRUNO Eu imaginei que era isso

HEITOR O que aconteceu? Fala

BRUNO É isso, né?

JÚLIA Calma, meninos

BRUNO Todo mundo está falando que a Usina vai acabar.

*Silêncio entre eles. Júlia abaixa a cabeça, pesarosa. Ela se senta junto ao seu elenco.*

JÚLIA Eu queria ter outra coisa para dizer a vocês. Queria afirmar que vamos estreiar nosso trabalho aqui. E que muitas pessoas da nossa cidade vão poder conhecer o nosso olhar sobre o mundo e sobre os dilemas do ser humano. Eu queria poder dizer a vocês que no ano que vem, continuaremos investigando maneiras de tornar o nosso trabalho cada vez mais do outro do que simplesmente nosso. Dizer o quanto

GIANLUCA Nós podemos ajudar. Não faz sentido não ter peça. Pela primeira vez na minha vida fazer uma peça de teatro está fazendo sentido. Antes, parecia que tudo o que eu criava era uma espécie

BRUNO De mentira

GIANLUCA É. Como se teatro fosse sempre uma cópia ou mentira da vida

BRUNO Apesar de que teatro é sempre uma mentira

GIANLUCA Mas uma mentira que transforma. Uma mentira sadia, não?

JÚLIA Não teremos mais o nosso espaço aqui na Usina

HEITOR A coordenadora da Usina me disse que isso ainda não era certo



JÚLIA Olhe para fora, Heitor. Olhe para a sua cidade, a nossa cidade. Você realmente acredita que o nosso trabalho interessa às pessoas que moram aqui?

HEITOR Só vamos saber se interessa, se fizermos a nossa peça!

JÚLIA Mas onde? Em qual espaço? Estamos trabalhando e pesquisando faz anos, aqui, nesta Usina. É simbólico para mim que estejamos aqui. Como se ao invés de meramente artistas, nós fôssemos também seres responsáveis por produzir a energia que movimentava essa cidade.

JOÃO Não é simbólico. É a pura verdade.

JÚLIA Mas não poderemos continuar nesta Usina e, se não for aqui, eu não sei se quero continuar

GIANLUCA Vamos continuar, mesmo que fora daqui! Vamos para as ruas...

*Gianluca se levanta da mesa, lentamente, escolhendo as palavras.*

GIANLUCA Se não temos espaço aqui, então vamos olhar para fora. Espaço é o que não falta! Olhem o tamanho dessa cidade! Tem espaço de sobra aqui: para construir estádio de futebol, para erguer prédios imensos e comerciais, tem espaço para obras que nem sequer foram ou vão ser terminadas. Não podemos usar essa desculpa babaca para interromper o nosso trabalho!

JÚLIA Se acalme, Gianluca

GIANLUCA Não, Júlia. Não dá para ficar calmo. Não estamos num momento de calma. Coisas muito erradas estão sendo feitas e se a gente não gritar, elas vão ser feitas e, depois, fica ainda mais impossível mudar toda essa merda.

BRUNO É verdade. Eu estou cansado de achar que aquilo que fazemos é menos importante do que todas as outras coisas no mundo!

GIANLUCA Eu estou cansado. Você também está, Júlia

HEITOR Então será que não é hora de batermos na porta de quem está nos causando essa sensação de impotência?

JOÃO Então vamos até a Prefeitura! Vamos até a Secretaria Municipal de Cultura para perguntar a eles: como fazemos para continuar?

BRUNO                   É inacreditável essa situação! Parece mentira tudo isto.

JOÃO                    Ninguém melhor do que nós para lidar com mentira, ou melhor, com coisa inventada.

BRUNO                   Eu topo.

JÚLIA                    Esperem! Vocês não vão a lugar algum\

BRUNO                   Por que não?

JÚLIA                    Não faz sentido\

JOÃO                    Por isso mesmo nós vamos. Para perguntar o que fazer?

JÚLIA                    Isso pode comprometer toda a negociação que está sendo feita\

GIANLUCA              Ou não. Diga que nós fomos até lá por conta própria. Que somos adolescentes, rebeldes e sem motivação aparente! Diga que fomos insensatos e baderneiros! Pode chamar todo mundo aqui de vândalo e inconsequente. Diga o que eles querem ouvir! Mas nós precisamos ir, de qualquer forma. Alguém aqui duvida disso?

HEITOR                 Não.

BRUNO                   Eu já disse que topo.

JOÃO                    Eu também.

HEITOR                 E você, Júlia?

*Júlia é a única sentada à mesa. Ela oscila, devagar, até se erguer. Todos se olham e partem rumo ao lado de fora da sala.*

## Interlúdio

*Pereira, mais uma vez, sentado à mesa na qual repousam papel, caneta e um telefone. Ele permanece imóvel, como se esperasse por algo capaz de dar novo sentido a sua vida.*

*Surge Estela, com um sorriso sinceramente forçado. Nas mãos, um grande arranjo com flores cenográficas cheirando à verdade. Ela é por inteiro ensaio.*

ESTELA                    Eu disse que voltaria, não disse?

PEREIRA                    Dona Estela, que surpresa!

ESTELA                    Eu jamais me imaginei entrando por esta porta para trazer presentes ao senhor secretário de cultura.

PEREIRA                    Presentes para o senhor secretário de cultura?!

ESTELA                    As flores mais lindas da estação! Escolhi a dedo. E peço desculpas por não ter trazido nada a você, caro Pereira Neto. Sem dúvida, como secretário do secretário de cultura, você é também responsável pela linda notícia que recebemos ontem.

PEREIRA                    Linda notícia?!

ESTELA                    Ora, tenho meus informantes aqui dentro, o senhor sabe.

PEREIRA                    Não me chame de senhor, por favor.

ESTELA                    Às vezes, a notícia antes de sair daqui já está lá fora.

PEREIRA                    Eu não fiquei sabendo de nada\

ESTELA                    Você é novo por aqui, não é?

PEREIRA                    Sim\

ESTELA                    Eu soube ontem que a secretaria municipal de cultura vai manter o projeto Usina das Artes funcionando na Usina do Gasômetro.

PEREIRA                    Mas\

ESTELA                    Dá para imaginar o que eu senti quando soube disso?

PEREIRA                    O senhor secretário de cultura\

ESTELA Foi muito sábio em ouvir os nossos apelos. Numa época como a nossa, em que tudo o que é público, passa a ser comprado por grandes empresas, ele foi muito corajoso! Vocês foram!

PEREIRA O que nós fizemos\

ESTELA Talvez vocês ainda não saibam de como foi uma decisão importante. Por isso estou aqui, em nome de todos os artistas que ocupam a Usina do Gasômetro, para dar os parabéns a vocês!

*Pereira está visivelmente confuso. Estela está efusiva. Ele se ergue, tentando controlá-la.*

PEREIRA Senhora Estela, por favor\

*Estela o abraça, comprimindo entre si própria e o secretário, o arranjo de flores falsas.*

ESTELA Não me chama de senhora, por favor, Pereira! A partir de agora nos tornamos sinceros amigos e comparsas!

*Ela se afasta dele, que fica com o arranjo em mãos. Ela o mira nos olhos, lacrimejante.*

ESTELA Eu não posso esconder! O nosso atual secretário de cultura, de quem eu duvidava imensamente, acaba de me provar que ele realmente acredita na valorização do artista enquanto investigador e criador de novas linguagens. Eu duvidava que ele pudesse entender isto, mas, agora, sabendo que ele manterá nosso projeto funcionando e também a Usina do Gasômetro como principal espaço cultural da cidade...

*Ela chora, delicada e sinuosamente. Pereira coloca o arranjo sobre a mesa e se aproxima.*

PEREIRA Estela... Cara Estela, eu vou encaminhar as suas flores e também o seu agradecimento a nossa equipe. Eu estou surpreso com tudo isso, mas é visível, pelas suas palavras, que foi mesmo uma decisão acertada. Eu fico muito feliz por ter contribuído para o desenvolvimento de nossa cidade e para a valorização daqueles que trabalham para o melhor dela... Como é o seu caso...

*Estela emudece. Olha fundo e através das lágrimas fingidas. Pereira recua um passo.*

ESTELA Então você acredita?

PEREIRA Em quê?

ESTELA Que eu estou realmente satisfeita com a nossa política cultural?

PEREIRA Eu não estou entendendo\

ESTELA Eu estou perguntando se você acredita nesse teatro.

PEREIRA Qual teatro? No seu projeto? No Projeto Usina das Artes?

ESTELA Eu quero saber se você acredita em tudo o eu acabei de dizer.

PEREIRA É claro que sim, é claro que sim...

ESTELA Então é pior do que eu pensava. Eu vejo nos seus olhos o quanto a tua consciência aprendeu a confiar em mentira.

*Estela vai até a mesa e pega o arranjo de flores, se pondo a destruí-lo, imediatamente.*

ESTELA Pois é esse tipo de mentira, esse tipo de enfeite, que eu sou obrigada a tolerar todos os dias. Vocês, políticos, se esquecem de que o meu trabalho tem por matéria prima a própria vida. Vocês se esquecem de que eu sei me transformar naquilo que eu não sou e de que eu posso dizer aquilo que eu não acredito, com muita sinceridade. Então, quando eu olho para vocês no exato instante de seus discursos mal ensaiados, eu sei de imediato, que vocês são péssimos atores e que aquilo que vocês estão me dizendo se trata apenas de mentira. É isso o que vocês chamam de teatro. Porém, para mim, o péssimo teatro de vocês, infelizmente, eu chamo de vida.

PEREIRA Perdão, Estela. Mas eu não entendo o motivo de tudo isso.

ESTELA Meu caro jovem, aproveite a sua juventude para descobrir o que lhe dá prazer em estar vivo. O seu avô morreu e te deixou este emprego, mas você sequer faz ideia do seu propósito em relação a tudo isto. Eu disse que eu voltaria. E eu voltei. Agora eu lhe digo novamente: dê-me alguns dias. Apenas mais alguns dias. E ate lá, eu estarei aqui de novo. Presente e definitiva.

*Ela sai, deixando a porta trêmula.*

## Cena 7

*Nina sobre um pequeno platô. Konstantin impaciente. Ela gesticula, muda. Em seguida, lentamente declama os versos, tentando encaixar cada palavra num gesto específico.*

NINA                    Lago retinto posto falsamente calmo.  
O que eu tenho e que tu ainda não sabes  
Já não me é escolha  
Já nem me é direito.  
Pois você me roubou de mim  
E agora, resto eu, assim, entre vírgulas e sem jeito  
Dizendo em muitas palavras  
O tamanho do que sinto  
Apesar de assustada  
Por perceber  
Que em apenas quatro letras, meu amor  
Cabe o nosso sonho inteiro.

KONSTANTIN        Não cabe, Nina! Se você não fizer gestos e movimentos maiores,  
o que você está dizendo vai sempre parecer alguém do que é.

NINA                    Mas como ser maior do que eu sou?

KONSTANTIN        É esse o seu papel como atriz\

NINA                    E qual é o seu? Enquanto autor? Você exige que eu dê conta da-  
quilo que nem as suas palavras consegue dizer claramente\

*Konstantin se cala, amargurado. Nina se desculpa.*

NINA                    Por favor, não me entenda mal. Mas você fala de amor como se  
o amor pudesse caber em um punhado de palavras. Eu estou  
cansada, meu corpo dói e mesmo assim, eu não consigo nada.  
Você mesmo me diz que meus gestos não conseguem expressar  
o que é o amor, mas o que é o amor? Que coisa imensa é essa  
que eu não consigo capturar?

KONSTANTIN        O que é o amor, Nina?!

NINA                    Sim. O que é o amor?

KONSTANTIN        Se você não sabe responder isto, é porque não está preparada.

NINA                    Então me ajude.

*Konstantin é egoísta demais, mas o pedido de Nina – de alguma forma – desmonta um pouco a dureza de seu orgulho.*

- KONSTANTIN      Você quer tentar ir por outro caminho?
- NINA                Qual caminho?
- KONSTANTIN      Eu não sei. Mas se você quiser tentar outra proposta, eu ajudo.
- NINA                Você aceitaria se tentássemos juntos?
- KONSTANTIN      Como assim juntos?!
- NINA                Eu e você, aqui, sobre o mesmo palco, juntos, tentando dar conta disso tudo que teimamos em dizer que é o amor.
- KONSTANTIN      Seja mais clara.
- NINA                Por que um monólogo, Konstantin?
- KONSTANTIN      Porque é a história de uma gaivota. Apenas uma.
- NINA                É a história de uma jovem mulher que se descobre apaixonada.
- KONSTANTIN      É uma metáfora. Ela é uma gaivota.
- NINA                Sim, mas veja: ela se descobre apaixonada por alguém, não?
- KONTANTIN        Ou por alguma coisa.
- NINA                Então: você me colocou sozinha nesse palco. Como eu posso falar de amor sem ter, junto a mim, a parte amada?
- KONSTANTIN      É para ser uma história triste, um drama\
- NINA                E então a sua poesia vai matar um amor, tal qual um homem besta lança um tiro numa gaivota...
- KONSTANTIN      É um monólogo, Nina, você sempre soube disso!
- NINA                Eu sempre soube, mas acabo de descobrir que o amor não cabe no espaço solitário de um monólogo. Venha aqui!

*Nina estende a mão a Konstantin, que ressabiado, sobe ao platô.*

- NINA                Veja: é um espaço pequeno, este, o do nosso palco. Olhe para mim, Konstantin: é também pequeno o meu corpo. Eu não posso negar, mas, até agora, tudo o que você exigiu de mim foi sempre maior, sempre imenso, como se o amor que vive dentro

da minha personagem só pudesse existir lá longe, na liberdade, onde eu não posso alcançar, mesmo tentando repetidas vezes.

KONSTANTIN Nina, é o seu papel, como atriz, dar conta daquilo que talvez você não tenha para oferecer.

NINA Olhe para mim, por favor. *(Eles se olham por alguns segundos)*. Mas fique aqui comigo, não voe o olhar para longe. Eu quero te fazer uma pergunta, mas você precisa me prometer\

KONSTANTIN Eu prometo\

NINA Você precisa prometer que vai responder, mas não com versos.

KONSTANTIN Nina, estamos perdendo tempo\

NINA Deixe o tempo para lá, Konstantin, e me prometa. Prometa que vai me responder, mas sem falar. Que seja um gesto, que você me responda piscando os olhos, abrindo os braços, correndo por horas a fio, até despencar ao chão. Mas me prometa que a sua resposta será efetiva e não mais rima quiçá metáforas\

KONSTANTIN Eu prometo.

NINA Então responda: se o amor que trago dentro de mim é pequeno e frágil como um pássaro enjaulado em suas próprias asas: não seria, então, mais generoso, privá-lo da imensidão do céu para fazê-lo voar, inédito, num breve beijo que antecede a fala?

*Konstantin, inconsciente, treme o corpo inteiro. Nina tremeluz a sua frente. Ele enxerga nos olhos dela, não mais seu rosto, mas apenas aquilo que há: os olhos dela. Ela espera. Ele titubeia, abre os lábios e não diz palavra. Ele se aproxima dela, que fecha os olhos e\*

*Heitor abre a porta da sala, interrompendo o ensaio.*

HEITOR Foi mal, galera, entrar assim sem pedir licença. Mas o caso é urgente e todos estão mais do que convocados. Nós estamos passando de sala em sala e chamando cada um dos grupos para estar, daqui a vinte minutos, na frente da usina, lá embaixo. Quando todos estiverem juntos, a gente explica o motivo da coisa toda. Não demorem a descer, ok?

*Heitor sai, deixando Nina e Konstantin em suspensão.*



## Cena Oito

*Suely está no centro da sala, de olhos fechados. Ela está apenas de calcinha, de costas para a porta fechada. Ela veste a camisa de Raquel, suja a sangue seco.*

SUELY Talvez meus olhos estejam com defeito.  
Acostumados demais a não ouvir e a nem sequer provar  
tudo aquilo que a mim se anuncia.  
Talvez estejam com defeito meus olhos.  
Eu queria enxergar esse horror profundo que dizem ser o mundo,  
mas ele ainda não se declarou a mim.  
A guerra não veio. A bomba não estourou.  
Nem corpo saltando prédio rumo ao precipício eu vi acontecer.  
A mim, não veio nada disso.  
Talvez meus olhos estejam com defeito.  
Aquilo que vejo não combina com a dor de toda a gente,  
o que vejo é pequeno, sim, talvez apenas um carro  
parando para que alguém possa atravessar a rua.  
Vi o gracioso jogo das mãos que dizem tchau e falam bom dia  
Mão velha cerzindo buraco de velhas camisas  
Vi tanto, e tudo tão pequeno, que pareceu até ter visto estrelas  
e não toda essa gente.  
Um só cuidado tomou minha vista por inteiro  
e o que eu vi então, mundo doente, foi sua vida sadia  
Não o seu tormento, eu vi sua boba e besta vida  
e não o seu câncer em acelerado crescimento\

*Raquel abre a porta silenciosa. Suely, ainda de olhos fechados, estaca por um segundo.  
Talvez ela ache que não se trata de nada disso. Ela tenta novamente, noutro fôlego.*

SUELY Hoje cedo, a caminho daqui, atravessando a avenida a caminho desta  
Usina, eu vi uma pequena legião de mulheres e homens carregando  
muitos tijolos. Súbito, me flagrei parada e perplexa com aquela imagem  
inédita de homens e mulheres carregando tijolos. Eu me aproximei de  
uma das mulheres e, caminhando lado a lado, eu a perguntei por qual  
motivo eles não haviam contratado logo um caminhão. Eram muitos ti-  
jolos. E então a mulher parou, depositou o seu tijolo sobre o asfalto e  
com suas mãos pegou as minhas e disse, olhando-me fundo nos olhos:  
carregamos tijolos sem caminhão para que eles se energizem no encon-  
tro com nossas mãos. E depois ela seguiu e, desde então, eu estou aqui,

parada, perplexa e apaixonada, certa de que há no mundo muitos possíveis para além dos poucos que já nos disseram existir.

*Raquel se revela à Suely, perplexa com o que acabou de ouvir.*

RAQUEL Isso é verdade?

SUELY Da gente toda carregando tijolos?

RAQUEL É. Isso aconteceu de verdade?

SUELY Se eu disser que é pura invenção, a força do que contei vai se perder?

RAQUEL Não\

SUELY Fiquei impactada demais com essa imagem, com esse acontecimento\

RAQUEL Pessoas carregando tijolos para energizar uma nova construção?!...

SUELY Uma nova criação. É. O mundo ainda tem dessas coisas, Raquel.

RAQUEL Você viu isso acontecendo no meio da rua, Su?!

SUELY Não importa onde. Você também acabou de ver, aqui, apenas porque eu falei essas palavras!

RAQUEL Isso sim é se manifestar!

SUELY Disse apenas o que meu coração quis falar. Mas é curioso, porque só de ouvir você já conseguiu ver tudo acontecendo, não viu?

RAQUEL Eu vi, eu vi...

SUELY E então?

RAQUEL Eu vi sua fala virar acontecimento...

SUELY Nós somos obrigadas a mostrar de onde sai o sangue que manchou essa sua camisa ou podemos também sugerir que isso também seja tinta?

RAQUEL Eu me esqueci de trazer o seu casaco!

SUELY Eu te fiz uma pergunta. Por favor, Raquel, me responda: o nosso trabalho tem que mostrar apenas o sangue das coisas ou pode mostrar também aquilo que nem sempre a nossa vista alcança?

*Raquel está visivelmente pensativa. Ela caminha pela sala. De repente, para.*

RAQUEL Nós podemos experimentar, não podemos? Talvez o seu modo de olhar para as coisas possa me ensinar a ver aquilo que eu ainda não sei ver\

*Bruno entra afoito pela sala. Ele é integrante de uma companhia que ocupa a Usina.*

BRUNO Perdão entrar sem bater.

SUELY Bruno, a gente está no meio de um ensaio importante.

BRUNO Daquela peça com aquele nome ruim que você me falou ontem?

RAQUEL “Peça-Manifestação”...

BRUNO É que vai rolar uma manifestação de verdade agora. A presença de todos os artistas que trabalham aqui na Usina é determinante.

RAQUEL Uma “manifestação de verdade”?!

BRUNO Quis dizer que não é bem uma coisa artística, é um levante mesmo\

SUELY Eu imagino que todos estejam combinando de se encontrar lá embaixo\

BRUNO É isso. Esperamos também por vocês. Em quinze minutos.

*Ele sai batendo a porta. O estampido ecoa entre atriz e diretora.*

SUELY Eu não quero mudar o nome da nossa peça\

RAQUEL Talvez eu esteja pensando a mão.

SUELY Talvez você esteja mesmo, mas tudo bem, você é assim\

RAQUEL Sempre que vejo essa vida piorando e piorando, eu me sinto obrigada a acreditar que o nosso papel como artista seja o de salvar o mundo!

SUELY Mas nós podemos salvar o mundo de muitas maneiras. Hoje, vendo pessoas carregando tijolos, eu tive certeza que salvar o mundo é, antes de tudo, mudar a nós mesmos, não?

RAQUEL O que foi que aconteceu com você?!

SUELY Eu não sei. Eu abri meus olhos sem querer antecipar o que eles veriam.

RAQUEL E o que você descobriu?

SUELY Eu te conto depois. Agora podemos ir?

*Saem as duas, apressadas.*

## Cena 9

*Noite de lua cheia. Ofélia, com sua mesma camisola, está jogada ao chão da ala oeste do palácio de Elsinore. Ao seu lado, com as vestes mexidas e desabotoadas, Rosencrantz e Guildenstern miram o luar. O castiçal está apagado e jogado num canto qualquer.*

OFÉLIA Daí eu fui nadar de novo, para aliviar meus pesadelos! *(Pausa curta)*. Eu devo ter sido um peixe na minha outra encarnação. *(Pausa abrupta)*. Uma piranha, com certeza!

*Os três riem e vê-se um pequeno ponto luminoso, indo até a boca de Ofélia, acendendo-se mais e, em seguida, convertendo-se em fumaça escura.*

GUILDENSTERN Você não presta, dona Ofélia!

OFÉLIA Isso que dá ser humana! *(Ri e engasga)*. Vai um tapinha, Rosen?

ROSENCRANTZ Eu que sou o Rosencrantz, dona Ofélia.

OFÉLIA Ai, que se foda. Quer um tapinha mesmo assim?

ROSENCRANTZ Não, para mim já chega!

OFÉLIA Ai, que fraco! Dá mais um tapinha! Um tapinha não dói, vai!

GUILDENSTERN Eu aceito!

OFÉLIA Faz muito bem!

GUILDENSTERN *(Ele fuma a maconha)*. Onde é que a dona arrumou isso?

OFÉLIA Ai, se eu contar você não acredita. Eu estava deitada, me secando no frígido sol, após nadar solitária por horas a fio. Deitei-me na relva e senti o cheiro da manhã. Mas foi cheiro novo, estranho, que eu até pensei ser hortelã. Arranquei a plantinha do chão e a mastiguei, com vontade. Deitei-me novamente e ao mirar o céu, para a minha surpresa, ao invés do sol eu vi meu amado Hamlet. Lá, nas alturas, com o rosto resplandecendo desejo. Ele me olhava enquanto eu mirava imenso seu lindo queixo. E então eu desfaleci e acordei em meu quarto. Sobre minha cama, um matagal desta planta recém-descoberta. Eu fiquei viciada nessa, como eu posso dizer?, desconhecida erva!

GUILDENSTERN É mesmo viciante!

ROSENCRANTZ Mas deturpa um pouco a vista, não?

GUILDENSTERN Sim, mas ao mesmo tempo, deixa as coisas mais bonitas.

OFÉLIA Oh, quanta alegria me invade  
O peito mesmo que vazio  
Está cheio\

GUILDENSTERN Lá vem você, dona Ofélia, com estes versos nebulosos\

ROSENCRANTZ Deixa a gurria em paz, Rosencrantz\

GUILDENSTERN Eu não sou Rosencrantz.

ROSENCRANTZ Desde quando?

GUILDENSTERN Rosencrantz és tu.

ROSENCRANTZ Mesmo?

GUILDENSTERN Você está maluco?

OFÉLIA Vontade de comer queijo.

ROSENCRANTZ Um vinho, talvez\

GUILDENSTERN Este reino está mesmo perdido!\

OFÉLIA E mais perdido está, o pobre besta que tenta lhe dar sentido.

GUILDENSTERN A senhora me chamou de besta?!

OFÉLIA Senhora é o seu cu, caro amigo.

*Rosencrantz gargalha até se engasgar. Guildenstern se irrita.*

OFÉLIA Não, não, não... Sem desavenças! Foi uma brincadeira. Dê-me aqui sua mão, que eu a guardo entre as minhas pernas!

*Guildenstern se ergue, afastando-se dos maconheiros.*

GUILDENSTERN Esta erva é coisa do demônio, isso sim!

OFÉLIA Quem é o demônio?! Apresente-me a ele, por favor.

GUILDENSTERN Se nos pegarem aqui, neste estado, seremos mortos! Tal qual seu pai, seremos assassinados!

OFÉLIA Que assim seja! Eu cansei desse império, de toda essa prataria fria e cortante que oprime a mesa do meu café da manhã!

GUILDENSTERN      A senhora precisa de ajuda!

OFÉLIA                Senhora é o seu cu! Já lhe disse!

GUILDENSTERN      Levante-se, Rosencrantz! E vamos já atrás de socorro!

ROSENCRANTZ        Quem sou eu?

GUILDENSTERN      Não se faça de bobo!

ROSENCRANTZ        Eu sou um bobo. Da corte. E você também o é, caro amigo.

OFÉLIA                Você, menino Rosencrantz\

GUILDENSTERN      Já disse que me chamo Guildenstern!

OFÉLIA                Dos infernos! Uma pessoa com um nome tão complicado como o seu merece sofrer a vida inteira! Preste a atenção! Tu desejas sair por esta porta por julgar que ficar aqui é algo indigno! Pois olhe com calma em direção ao mar de lama no qual você está na iminência de se afogar! Este palácio é o lugar mais indigno que alguém poderia inventar! Só mesmo um escritor de quinta, um plagiador barato, conseguiria escrever uma história tão indigesta tal qual nossa realidade! Você quer me provar que eu estou louca e errada, mas é somente por estar assim que eu posso sentir o sangue correndo pelas minhas veias como uma corredeira sem fim e libertária! Eu prefiro ser louca e livre, a ser leve e lenta! Deixe-me ser louca, não me convide a afogar a sede dos meus desejos no primeiro rio que por mim passar. Eu não vou mais me suicidar! Eu quero viver! E não vou morrer por conta de um pênis errante, tal qual o do meu príncipe Hamlet!

*A porta é aberta. Entra luz proveniente de energia elétrica. João se anuncia.*

JOÃO                  Quem está aí?

OFÉLIA                Hamlet amado?

JOÃO                  *(Rindo, contagiado pelo ensaio).* É sim. É o Hamlet quem vos fala. E ele tem uma ordem para os seus lacaios\

GUILDENSTERN      Ainda bem que apareceste, príncipe Hamlet.

ROSENCRANTZ        Já é hora do jantar?

JOÃO                  Eu não sei... *(Ele ri)*. Mas tenho um comunicado à Dinamarca.

OFÉLIA                    Pois então nos diga, doce amigo  
E nos permita dar a tua mensagem  
A acolhida necessária.

JOÃO                     Nosso império vai cair se não lutarmos contra quem nos oprime.  
Em apenas dez minutos, conto com a presença de vocês na en-  
trada deste palácio. Lá, e somente lá, eu poderei dar a todos as  
devidas ordens que hão de impedir o nosso colapso definitivo!

*João, envergonhado com o jogo, ameaça sair. Ofélia vai até ele, prendendo-lhe as mãos.*

OFÉLIA                    Como está mudado o nosso príncipe.

JOÃO                     A mudança chega para todos, ainda mais quando o que está em  
perigo, é aquilo que julgamos ser nosso.

OFÉLIA                    Você está em perigo?

JOÃO                     Você também está. Uma tragédia está por acontecer.

OFÉLIA                    Então das tuas palavras eu me embalo.

JOÃO                     Em dez minutos, Luciana, eu te espero lá embaixo.

OFÉLIA                    Meu nome não é Luciana.

JOÃO                     Que seja. Só preciso saber que tu entendeste meu recado.

OFÉLIA                    Sim, meu príncipe. Eu o entendi.

JOÃO                     Dez minutos.

*João sai correndo, deixando a porta aberta e marcando a interrupção de mais um ensaio.*

## Cena 10

*Aline, Maria e Ricardo de pé, ao redor de Carmem, que parece atração de um parque.*

- CARMEM                    Vocês estão me transformando numa aberração.
- RICARDO                    É quase isso, não é? Só que no bom sentido.
- CARMEM                    Aberração no bom sentido... Sei...
- RICARDO                    É inacreditável, Carmem.
- MARIA                      E o que mais você consegue lembrar?
- CARMEM                    Eu me lembro de tudo que já passou pelos meus olhos.
- ALINE                        Você deixou de ser humana, sabia?
- CARMEM                    Talvez sim, talvez sim.
- MARIA                      Meu pai não é mais humano, sabiam? Colocou um marca-passo.
- CARMEM                    Exatamente\
- RICARDO                    Mas não é a mesma coisa\
- MARIA                      Mas é o mesmo princípio. Todo o ser humano que agrega a seu corpo algum tipo de máquina se torna um pós-humano.
- RICARDO                    Pós-humano... Fala sério. Então agora você é pós-humana?
- CARMEM                    Como milhões de outros.
- ALINE                        Eu uso lente nos olhos. Posso dizer que também sou?
- CARMEM                    Sem dúvida\
- MARIA                      Mas lente não é propriamente máquina, não é?
- CARMEM                    A lente que você usa nos olhos, Aline, é um componente artificial que melhora seu desempenho biológico, ou seja, a sua visão.
- RICARDO                    Caralho, isso tudo é uma loucura!
- CARMEM                    E o pior, já não é novidade faz décadas.
- MARIA                      Então você colocou esse treco no cérebro só para conseguir decorar o texto da nossa peça?



CARMEM Mas não foi só isso o que aconteceu comigo.

ALINE Pelo menos as falas estão decoradas?

CARMEM Assim como toda a movimentação de cada cena\

MARIA Então qual é o problema, Carmem?

CARMEM Eu não estou conseguindo dormir, porque tudo o que eu vejo ou toco me invade em forma de lembrança. Eu toco no lençol da cama e a minha memória transborda e me lembra de coisas que eu jurava não serem minhas. O gosto do café me lembra de todos os cafés que eu já tomei na vida. E tudo é lembrança nítida, como se tivessem feito uma faxina nos cantos da minha memória e retirado cada poeira. Eu me lembro de tudo. Tudo.

RICARDO Esse negócio de ser robô não é fácil, viu?

CARMEM Mas essa atualização que eu fiz em mim precisa me servir para construir algo, não? Para ser alguém melhor, vocês entendem?

RICARDO Me desculpe, mas está parecendo papo de super herói\

MARIA Deixa de bobeira, Ricardo\

ALINE Talvez você precise controlar esse seu novo poder. Tente se concentrar em alguma coisa para ver até onde você pode chegar.

CARMEM Eu me sinto tremendamente forte, por mais que não pareça.

ALINE Então vai! Sei lá! Pense em algo que você queira resolver.

CARMEM Agora?

ALINE Não custa tentar...

*Carmem fecha os olhos por uns segundos. As luzes da sala piscam. Todos silenciam, interessados. Carmem abre a rouca boca e profere uma lembrança-agouro.*

CARMEM O momento é sim alarmante! Um dia, por conta da velocidade que cada vez mais afeta as relações humanas e institucionais, o ambiente urbano será carente de sentidos. Seremos um único corpo, porém rachado em pedaços miúdos e passivos. E então, teremos pressa, sem saber para onde ir. Nossas ruas terão se tornado lugar de passagem, pois teremos perdido o vínculo com a cidade. Então se hoje eu lhes digo isto é por ter acordado hoje

cedo e mirado a janela: eu vi, ao longe, a chaminé da Usina do Gasômetro, silenciada e privada de lançar ao céu a sua fuligem acinzentada. Pois se o nosso excelentíssimo prefeito Telmo Thompson Flores, que além de político é também engenheiro civil, achou prudente desativar nossa Usina, pois então que ele crie meios para não cessar a produção de energia, ao invés de grandes obras, da desativação de nosso bonde, do excessivo incentivo ao transporte automotivo, ao invés da construção de seis viadutos que mais escoam do que produzem energia... A Usina do Gasômetro é ainda um lugar de grande significação para a cidade de Porto Alegre! Símbolo querido, principal fonte de energia desta cidade até o presente momento. Que nos próximos anos, a Usina possa continuar produzindo energia, seja energia elétrica ou energia vinda da poesia\

*Carmem abre os olhos, assustada e sedenta. Todos estão apavorados.*

RICARDO                   Aline, traga um pouco de água. Se acalme, Carmem.

CARMEM                   Eu estou bem\

MARIA                    O que foi isso que você disse?

ALINE                    Prefeito Telmo Thompson Flores?!

CARMEM                   Eu não lembro.

ALINE                    Bebe um pouco d'água.

CARMEM                   Obrigada. Eu não lembro exatamente.

RICARDO                   Tente se lembrar.

CARMEM                   Eu ouvi esse discurso em 1970, não lembro exatamente quando, acho que foi no fim do ano. Eu estava com o meu pai, numa espécie de encontro às escondidas. Naquela época meu pai frequentava essas reuniões secretas e, como minha mãe estava sempre trabalhando, ele me levava junto...

MARIA                    Você tinha menos de 18 anos?

CARMEM                   Eu tinha completado 13 anos fazia alguns meses.

ALINE                    É impossível lembrar todas essas palavras.

CARMEM                    Eu sei. É estranho. Mas eu sinto que não sou eu quem se lembra das coisas, mas as coisas que se fazem lembrar, por mim.

RICARDO                   Mas você só tinha 13 anos!

CARMEM                   Mas já intuía o que gostaria de ser durante toda a minha vida.

ALINE                      Você sempre quis ser atriz?

MARIA                      A Carmem sempre quis ser médica. Ou artista.

CARMEM                   As duas profissões me permitiriam multiplicar a vida.

RICARDO                   Mas quem disse isso que você acabou de lembrar?

CARMEM                   MCR.

ALINE                      Quem?!

CARMEM                   Movimento Comunista Revolucionário: MCR. Era um encontro desse grupo. Meu pai me levou. Era uma organização clandestina, num encontro agendado dias após a desativação da Usina. Os homens presentes tramavam alguma ação de guerrilha urbana, incluindo pichação em alguns pontos da cidade, panfletagem e até mesmo um assalto a uma agência bancária.

ALINE                      Mais por que você focou sua atenção para lembrar isso?

MARIA                      Porque hoje o projeto Usina das Artes corre o risco de acabar.

CARMEM                   Após esse dia, em que eu tinha 13 anos, demorou cerca de 30 anos para a Usina virar um espaço de referência cultural para a cidade. E agora, corremos o risco de retroceder e transformar tudo o que já foi conquistado em mais um shopping center.

MARIA                      A Estela te contou tudo, não é?

RICARDO                   Espera! Ninguém vai me explicar o que está acontecendo?

MARIA                      Não temos tempo para isso, Ricardo\

CARMEM                   Em 10 minutos nós precisamos estar juntos na entrada da usina.

ALINE                      Juntos com quem?

CARMEM                   Vocês vão ver.

*Os quatro saem da sala de ensaio rumo à entrada da Usina.*

## Cena 11

*Estelle, Garcin e Inez conversam agitadamente. A Criada tenta não escutá-los.*

GARCIN Deve ser isso.

ESTELLE Até que faz algum sentido.

GARCIN Quando você completa 100 anos de morte, volta para Terra.

INEZ Quando é que as pessoas vão entender que é bom estar morto?

GARCIN Só mesmo quando morrerem!

*Os três riem, sonoros. A Criada permanece imóvel, irritando-se aos poucos.*

GARCIN Eu estou de pijama?

ESTELLE Sim, você está de pijama.

GARCIN O que isso significa?

ESTELLE Que você usa pijamas?

GARCIN Sim, querida, mas, além disso... O que significa?

INEZ Que você morreu dormindo.

GARCIN Exatamente.

ESTELLE Como você pode ter certeza?

INEZ Aos poucos a certeza de morte vai chegando...

ESTELLE Eu estou nua?

GARCIN Não.

ESTELLE É verdade. Deixe-me ver... Eu estou seminua?

INEZ Você está vestida apenas com um pedaço da sua calcinha.

ESTELLE Eu estou vestida apenas com um pedaço da minha calcinha?

GARCIN Sim, você está.

ESTELLE O que isso significa?

INEZ Que você foi estuprada, meu amor.

*Estelle empalidece e fica muda.*

INEZ O ser humano nunca estará pronto para receber a morte.  
GARCIN E, mesmo assim, a morte chegará e nos levará junto a ela.  
INEZ É isso o que há de mais triste na vida.  
GARCIN A morte?  
INEZ Não, a burrice do ser humano frente à única certeza que existe.  
GARCIN A morte!

*Estelle resmunga quase inaudível.*

INEZ Foi estuprada, foi, coração?  
ESTELLE Acabei de me lembrar.  
INEZ Acontece.  
ESTELLE Foi tudo tão rápido.  
GARCIN Até porque se fosse devagarzinho, seria amor e não estupro!  
ESTELLE Eu estava trabalhando, numa esquina qualquer, de manhã cedo.

*Garcin e Inez emudecem.*

INEZ A senhorita trabalhava com prostituição?  
ESTELLE Não, eu entregava correspondências para os Correios.  
INEZ Que graça.  
ESTELLE Graça nenhuma.  
INEZ Eu achei gracioso.  
ESTELLE E você? Morreu como? Sufocada com o laquê?  
INEZ Não, não, não. Morri em pleno auge, na crista da onda\  
GARCIN Mentira que você morreu de sucesso?!\br/>ESTELLE Dizem que está super na moda. Sucesso mata.  
INEZ Morri num ataque fulminante de alegria, numa festa em comemoração a minha importância.

ESTELLE                   Você foi alguém importante?

INEZ                        Você saberá tudo sobre mim ao assistir meu curta-metragem.

ESTELLE                   Mas o Inferno está lotado.

GARCIN                    *(Assoviando alto para A Criada)*. Oh, Fulana!

*A Criada não responde. Garcin se ergue e estaca frente a ela.*

GARCIN                    Eu queria saber quando você vai liberar a nossa entrada.

A CRIADA                  Quando houver espaço, conforme já foi informado.

GARCIN                    Não tem como adiantar a coisa e colocar a gente para dentro?

A CRIADA                  Eu sinto lhe informar, mas não poderei mais responder suas perguntas. Tudo o que o senhor precisava saber já foi informado.

*Estelle e Inez se aproximam d'A Criada, que se força a permanecer calma e estática.*

GARCIN                    Ela não quer mais falar comigo.

ESTELLE                  Ela ao menos tem nome?

INEZ                        É algo como... A EMPREGADA.

GARCIN                    É isso mesmo.

ESTELLE                  O que faz uma pessoa trabalhar num lugar como esse?

INEZ                        No caso dela, deve ter sido por pura necessidade.

GARCIN                    Ela não é bem ela, não é mesmo? Convenhamos...

ESTELLE                  Parece um mix de homem, mulher e um bicho estranho, que eu esqueci o nome...

INEZ                        Tadinha...

GARCIN                    Nasceu para ficar presa entre a vida e a morte...

ESTELLE                  Será que ela tem família?

INEZ                        Será que ela é humana?

GARCIN                    Acho que ela está mais para máquina.

ESTELLE                  Pergunte a ela.

*Garcin se aproxima ainda mais d'A Criada. Gianluca entra pela porta da sala.*

GIANLUCA Oi, galera. Nós precisamos da presença de todos vocês lá embaixo. Em no máximo cinco minutos.

GARCIN Lá embaixo onde?

ESTELLE Na Terra?

GIANLUCA Sem palhaçada, ok? É sério.

INEZ Nós estamos na fila, esperando para entrar no Inferno.

GIANLUCA Eu sei que vocês estão ensaiando e peço desculpas por entrar sem pedir licença, mas é realmente sério. Precisamos da presença de todos os integrantes de todos os grupos de teatro que ocupam esta Usina! Todos lá embaixo, em cinco minutos!

*A atriz que faz A Criada retira sua estranha vestimenta.*

A CRIADA Ótimo. Não aguentava mais esta peça idiota que não diz nada.

INEZ Espera aí! Qual foi o nosso combinado? Que não íamos interromper a improvisação enquanto não resolvêssemos a cena!

A CRIADA Tem coisas mais importantes precisando do meu esforço.

INEZ Algo mais importante do que a nossa estreia em alguns dias?

A CRIADA A vida lá fora! Coisa que nunca foi levada em consideração nesas sala de ensaio!

GARCIN Espera aí, pega leve!

A CRIADA Eu cansei de fazer força para achar vida no meio de tanta mentira, no meio de tanta bobeira que vocês inventam apenas para alimentar o próprio ego!

INEZ O seu papel é o melhor da peça! Que fique bem claro!

A CRIADA Qual é o seu nome?

GIANLUCA Eu sou Gianluca, do grupo da Júlia.

A CRIADA Vocês estão organizando a passeata até a secretaria municipal?

ESTELLE Você sabe que se você sair você está fora da peça e do grupo!

*A atriz que interpreta A Criada sai da sala, levando Gianluca com ela.*

ESTELLE Não vai ter estreia. Vocês entenderam?

INEZ Que bom. Eu concordo com ela. Estava ruim mesmo.

GARCIN Talvez a gente possa pensar num outro projeto.

INEZ Nem sempre o que queremos é o melhor que temos a dar, não?

ESTELLE A gente vai abortar a nossa peça só porque tem um monte de aluno se juntando lá embaixo para fazer baderna?

GARCIN Opa! Você já pode descolar do seu personagem e deixar de ser alguém totalmente idiota, ok?

INEZ Quer você aceite ou não, se não formos com todos os alunos, estaremos colocando em risco a continuidade do nosso trabalho, independente da peça que a gente possa criar.

*A atriz que interpreta Estelle, pouco a pouco, desce do salto.*

ESTELLE Vocês concordam com ela? Acham que falta vida aqui dentro?

GARCIN Eu concordo.

INEZ Também.

ESTELLE Não era para ser assim.

GARCIN Então sabe o que a gente pode fazer?

INEZ Adiar a nossa estreia\

GARCIN Claro. Mas, podemos ver se a gente encontra, lá no meio da rua, alguma fagulha de propósito para voltar à sala de ensaio.

ESTELLE Mas e se a gente não encontrar?

GARCIN Daí, eu, sinceramente, prefiro parar de fazer teatro.

*A atriz que interpreta Inez abre a porta da sala. Lentamente, todos saem.*



## Cena 12

*Júlia está parada, sozinha no centro da sala. A porta atrás dela se abre. Entra Estela.*

ESTELA                    Já faz quantos dias que você está parada? Trancada nessa sala, sem ator nem ensaio?

JÚLIA                      Eu perdi a conta, Estela.

ESTELA                    Sabe por onde eles andam?

JÚLIA                      Os meninos?

ESTELA                    Sim, seus quatro atores.

JÚLIA                      A última vez que os vi eles me disseram que\

*Júlia não consegue completar a frase.*

ESTELA                    Te disseram o quê?

JÚLIA                      *(Virando-se para a coordenadora).* Que iriam fazer alguma coisa, qualquer coisa. Que iriam, com ou sem meu consentimento, bater na porta da prefeitura para exigir uma solução.

ESTELA                    Parece até ficção, não é mesmo?

JÚLIA                      Não. Antes tudo isso fosse mentira.

ESTELA                    Você está com quantos anos, Júlia?

JÚLIA                      55.

ESTELA                    Eu estou com 61. E de teatro? Quantos anos?

JÚLIA                      Já perdi a conta.

ESTELA                    Pois sabe de uma coisa? E que isso fique aqui entre a gente. Ontem à noite, em casa, sem conseguir dormir, eu me surpreendi por lembrar de um poema escrito em 1972. Lá, naquela mesma época em que nossos sonhos foram interrompidos por um governo truculento tal qual está se tornando o nosso. Eu revirei minhas coisas, cadernos, livros e encontrei, num folheto – amassado – as palavras escritas num cárcere por um poeta. Ele dizia: Juro/ não tem autocrítica/ que me tire/ as saudades/ de uns tiros.

*Júlia se assusta, mas Estela continua.*

ESTELA Talvez não estejamos ouvindo, mas os tiros estão sendo dados\

JÚLIA Por favor, não transforme tudo isso em algo mais fácil do que é.

ESTELA E eu te peço que me ajude a não simplificar o que não é simples! Os seus atores, muito mais novos do que nós duas, estão tentando dar um jeito para que não censurem a possibilidade de se ainda fazer poesia neste país. E você, medrosa, vai ficar parada?

JÚLIA Eu estou cansada. É só isso.

ESTELA E quem não está cansado?

*Pela porta, entram acelerados Bruno, Gianluca, Heitor e João.*

JOÃO Conseguimos!

HEITOR Estão todos lá embaixo, a nossa espera.

BRUNO Parece até um exército.

GIANLUCA Por que vocês estão paradas?

*Estela retira do bolso uma chave e a joga para Gianluca.*

ESTELA Corram até a minha sala. Eu escondi, no meio de uma pilha de revistas que fica atrás da porta, os roteiros da nossa ação.

*Gianluca sai correndo, seguido pelos outros meninos.*

JÚLIA Roteiro da nossa ação?!

ESTELA Não será preciso decorar nada, muito menos ensaiar. Nós vamos descer até a frente da Usina e marchar até a secretaria municipal de cultura. Chegou o momento de mostrar aos nossos governantes que se eles pensam que o nosso trabalho é só uma mentira, nós então vamos acreditar – sinceramente – que a política deles é só uma história ruim e, que tal como uma ficção qualquer, pode ser modificada e reescrita.

*Estela estica a mão até Júlia, que cede ao encontro. Saem as duas, urgentes.*

## Epílogo

*Pereira, com um rolo de fita adesiva na mão, tentando agrupar os pedaços do arranjo destruído por Estela em sua visita anterior. O telefone sobre a mesa toca. Pereira atende.*

PEREIRA                      Sim, senhor secretário. Não, senhor secretário. Sim, senhor. Não senhor. Sim, é claro. Não. Não. Na verdade, pode ser que até o expediente acabar ainda surjam pessoas querendo falar diretamente com\ Não. Não há nada agendado. Sim. Sim, senhor, mas veja\ Perdão. Perdão. Certo, sim, eu não vou incomodá-lo.

*Ele desliga o telefone e retoma a colagem do arranjo, colocando sobre a mesa um protótipo dadaísta de um arranjo de flores. Surge, a sua frente, Estela Arnaldo.*

ESTELA                      Boa noite.

PEREIRA                      Senhora Estela!

ESTELA                      Por que tão assustado? Eu não disse que voltaria?

PEREIRA                      Sim, sim, sim. Mas o secretário não poderá atendê-la.

ESTELA                      Ah, sim. Eu imaginei que isso pudesse acontecer.

*Entram na secretaria, lentamente, vinte e dois artistas que integram o projeto Usina das Artes. Pereira, com a boca aberta, observa um a um.*

ESTELA                      O senhor vai ligar para o secretário para anunciar a nossa chegada ou podemos entrar direto?

PEREIRA                      Pode... Vocês... Podem... Entrar... Direto...

ESTELA                      Melhor assim. *(Ela olha aos outros)*. Todos estão munidos?

*Todos erguem as mãos, balançando páginas brancas tingidas de palavras vermelhas.*

ESTELA                      *(Colocando sobre a mesa de Pereira uma cópia)*. Uma cópia para o senhor, caro secretário do secretário municipal de cultura.

*Estela se aproxima da porta que dá entrada à sala do secretário. Ela abre a porta e mira o seu rosto, convicta. Olha de volta a todos os outros que, um a um, entram na secretaria. Estela bate a porta. Pereira soluça.*

*Silêncio profundo cor de giz. Pereira, trêmulo, retira o papel recebido e se põe a ler, em silêncio, as palavras tingidas a sangue:*

Porto Alegre, Janeiro de 2014.

Secretaria Municipal de Cultura.

Caro Senhor Secretário de Cultura de Porto Alegre, Roque Jacoby,

Aqui estamos nós, artistas e cidadãos porto-alegrenses, em visita urgente e não anunciada. Viemos por um motivo simples, porém único: nos últimos oito anos, a Usina do Gasômetro abriga o projeto Usina das Artes, que tem por cerne possibilitar que inúmeras companhias de teatro e dança se instalem nas salas daquele Centro Cultural. Neste período, estes grupos já realizaram a marca de quase 15 mil atividades culturais. Com espaço disponível para trabalhar, estas companhias desenvolvem linguagem. O desenvolvimento de linguagem é o que possibilita a construção de pontes que ofereçam, ao ser humano, a possibilidade de estar face a face com o conhecimento de si mesmo. A arte é o único campo da sociedade onde se pode ter a experiência da morte, onde é permitido ser tudo o que se quiser ser. A essa experiência, chamamos liberdade. A liberdade é o pressuposto essencial às sociedades democráticas, mas não para um sistema condicionador.

Assim, mediante a possibilidade – alarmante – de perdermos o espaço físico da Usina e termos que interromper nossas atividades, perguntamos a você, caro secretário: por que não é interessante para o governo que o artista construa uma linguagem? Mas sua resposta já nos foi evidente. E não parece interessante para vocês que o artista construa uma linguagem, porque com a linguagem se constrói e fortalece também um posicionamento do cidadão frente a nossa sociedade. E é nesse ponto que a arte modifica a vida e não se transforma apenas em entretenimento. Mas algumas metas recentes do seu governo parecem querer transformar arte em coisa qualquer, como por exemplo, sugerir que os grupos que ocupam a Usina sejam modificados todo ano. As empresas de ônibus trocam todo ano? Todo ano se troca de prefeito e de presidente? Por que deveria ser assim com o teatro? Precisamos desse espaço para criar ou nos tornaremos apenas uma fábrica expressa de trabalhos rasos.

Nós queremos mostrar que é possível sim a existência de um centro de cultura popular, qualificado e para o povo. As instituições de arte acabam se refinando e selecionando o público ao qual querem atender, em uma manobra extremamente excludente. Veja, por exemplo, o Santander Cultural e o Iberê, espaços culturais dentro dos quais se paga 11 reais por apenas um café. É claro que é positivo que o acervo da APLUB venha para a Usina, contanto que isso não afete negativamente o que já vêm sendo realizado nesse espaço\

*Brusca interrupção. Subitamente, o telefone de Pereira toca. Ele atende.*

PEREIRA                    Sim, senhor\ Não, senhor\ Eu não estou maluco\ Não, senhor\  
Sim, senhor\ Sim. Eu deixei que todos entrassem\ Por quê?! Eu  
creio que o senhor esteja ouvindo o motivo, não? *(Longa pausa,  
dentro da qual os gritos do secretário de cultura)*. Não, o expedi-  
ente já acabou. Não há seguranças no prédio\ *(Mais gritos)*. Eu  
não vou sair em busca de ajuda alguma. Eu estou entrando pela  
sua porta para fazer coro ao que realmente me importa.

*Ele deixa o telefone sobre a mesa, se dirige até a porta de seu chefe. Abre a porta. Silêncio sepulcral. Pereira entra e tranca a porta. Ouve-se o barulho das chaves.*

*A antessala da secretaria municipal de cultura está vazia. Do silêncio cor de giz, nasce um manifesto cor de rosa, envolto por afiados espinhos:*

Durante cento e vinte dias a partir desta data, tal qual uma medida provisória, ansiosa para ser aprovada, nós permaneceremos aqui, ocupando a secretaria municipal de cultura de Porto Alegre. Eis aqui a nossa nova casa.

A partir de hoje, cada cidadão que sair para assistir uma apresentação de teatro, encontrará no palco não a nossa presença, mas um espaço em branco, vazio, tal qual o retrato oco da cultura que nossa política pública tem fomentado.

Durante cento e vinte dias a partir desta data, os palcos estarão vazios, a Usina cessará a produção de energia e nós lembraremos ao senhor – repetidas vezes – que enquanto a humanidade não morrer, a arte também não morrerá.

O senhor secretário entendeu ou precisaremos desenhar?

*Silêncio enrubescido.*

**Início.**